

**Considerações sobre Matéria e Memória de Henri Bergson:  
Tempo, percepção e memória**

Considerations on Henri Bergson's Matter and Memory: Time, perception, and memory

Lucas Joaquim da Motta

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)

[lucasjoaquimdamotta2000@gmail.com](mailto:lucasjoaquimdamotta2000@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/3740493609654132>


**Resumo**

Neste trabalho analisa-se como a filosofia da memória de Henri Bergson relaciona passado e presente e a partir disso a vincula com as definições bergsonianas de percepção e lembrança. Dado que o corpo vivo é uma imagem, tal como tudo aquilo que o afeta direta ou indiretamente, busca-se compreender a maneira pela qual as imagens sobrevivem ao processo de armazenamento da duração - termo caro em Bergson. Logo, as imagens, correspondentes ao passado, sobrevivem através das lembranças que são conversadas na memória, o que demonstra o modo pelo qual Bergson se distancia da tese psicológica de que as lembranças estão contidas numa determinada zona do cérebro. Para isso, considera-se dois momentos elementares de Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito", isto é: a) como nosso autor expõe as formas da memória, quer dizer, uma que imagina, o que sintetiza um hábito, e outra que repete, que consiste no exame das lembranças particulares; b) e o fenômeno da atenção que é investigada por Bergson através da relação entre atenção, percepção e memória. Ao fazê-las, ir-se-á colocar em evidência um dos imensos méritos de Matéria e Memória, que é o modo pelo qual Bergson examina o vínculo entre tempo, percepção e memória.

**Palavras-chave:** Bergson. Memória. Percepção. Tempo.

**Abstract**

In this paper we analyze how Henri Bergson's philosophy of memory relates past and present, and from there we link it to bergsonian definitions of perception and memory. Given that the living body is an image, just like everything that affects it directly or indirectly, we seek to understand the way in which images survive the storage process of duration - a term dear to Bergson. Thus, images, corresponding to the past, survive through the memories that are conserved in the memory, which demonstrates the way in which Bergson distances himself from the psychological thesis that memories are contained in a certain area of the brain. For this, we will consider two elementary moments of Matter and Memory: Essay on the relation of the body to the spirit", that is: a) how our author exposes the forms of memory, that is, one that imagines, which synthesizes a habit, and another that repeats, which consists in the



examination of particular memories; b) and the phenomenon of attention that is investigated by Bergson through the relation between attention, perception and memory. In doing so, one of the immense merits of *Matter and Memory* will be highlighted, which is the way in which Bergson examines the link between time, perception and memory.

**Keywords:** Bergson. Memory. Perception.

*Este livro [Matéria e Memória] afirma a realidade da matéria, e procura determinar a relação entre eles sobre um exemplo preciso, o da memória. (BERGSON, 2010, p. 01)*

*Ela [a memória] cria [...] a percepção presente, ou melhor, duplica essa percepção ao lhe devolver, seja sua própria imagem, seja uma imagem-lembrança do mesmo tipo. (BERGSON, 2010, p. 115)*

*Nós só percebemos, praticamente, o passado, e o presente puro sendo o inapreensível avanço do passado a roer o futuro. (BERGSON, 2010, p. 176)*


## 1. Introdução: Corpo e memória

Em 1896, Henri Bergson (1859-1941) publica *Matéria e Memória*<sup>1</sup>, ensaio no qual o filósofo se dedica a estudar a relação entre consciência e corpo<sup>2</sup>, relação tão fundamental que perpassa praticamente toda a História da Filosofia em geral, além de como as fases transitórias do tempo – passado, presente e futuro – influenciam essa relação. Sobre o contexto cronológico de *Matéria e Memória* (1889), os estudos sobre os fenômenos psíquicos, protagonizados sobretudo pelas psicologias de Pierre Paul Broca (1824-1880), Gustav Theodor Fechner (1801-1887) e Ernst Heinrich Weber (1795-1878), passavam por uma revisão objetivista da mente humana, o que indicava uma quantificação dos movimentos psíquicos. Através dos avanços da psicofísica, o mundo subjetivo, nesse sentido, é retraído a uma materialização objetiva das zonas habituais do cérebro, isto é, "o determinismo e o materialismo pareciam ter vencido o velho combate com o espiritualismo; clássicas questões metafísicas, como a da relação entre corpo e alma, pareciam agora superadas" (PESSANHA, 1979, p. IX). No entanto, repensando as incógnitas metafísicas por meio de Émile Boutroux (1845-1921) e Jules Lachelier (1832-

---

1 Obra publicada originalmente na França, sob o título *Matière et Mémoire*.

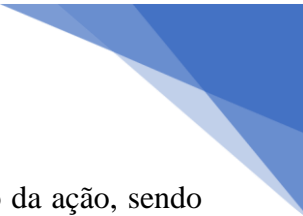
2 De maneira imediata, logo no primeiro parágrafo do Prefácio da Sétima Edição do livro, Bergson escreveu: "Este livro afirma a realidade do espírito, a realidade da matéria, e procura determinar a relação entre eles sobre um exemplo preciso, o da memória" (BERGSON, 2010, p. 01).



1918), Bergson reabre "o debate com materialistas e deterministas a partir das noções mesmas que, na época, pareciam dar força às posições que eles defendiam: a de medida em psicologia e de redução do mental ou do espiritual ao cerebral" (PESSANHA, 1979, p. IX). E, tal como esperado, é a partir de um novo ponto de vista que Bergson dialoga com as correntes psicológicas de seu tempo.

Colocando essa atenção ao terceiro capítulo de *Matéria e Memória*, "Da sobrevivência das imagens: A memória e o espírito", Bergson desaprova a tese associacionista de haver uma diferença constitutiva entre os graus da lembrança e da percepção, o que é traduzida excepcionalmente por um desenho (ver BERGSON, 2010, p. 155), ilustrando sua crítica àqueles que diferenciam lembrança pura, lembrança-imagem e percepção, representados pelos segmentos simétricos AB, BC e CD, respectivamente. Contra os teóricos citados no parágrafo anterior, Bergson justifica sua crítica alegando que eles, ao fazerem tal separação, não explicaram rigorosamente a percepção no seu grau mais puro. Cabe destacar que o período no qual Bergson está vivendo sua mocidade representa um dos maiores progressos científicos do século XX, sobretudo ao que diz respeito aos avanços das ciências neurofisiológicas e da Biologia Evolutiva.


Nosso autor defende, por outro lado, que entre lembrança pura, lembrança-imagem e percepção não existe uma distinção de grau, mas de natureza, quer dizer, tais etapas são ressignificadas pelo ponto de vista bergsoniano para mostrar como lembrança pura e percepção estão relacionadas. Sendo a lembrança pura o grau mais elevado de pureza do espírito e, por efeito, passando de si mesma a uma percepção (ver BERGSON, 2010, p. 281), a lembrança-imagem encontra-se fixada entre ambas. Isto é, a lembrança-imagem (BC) está entre a lembrança pura (AB) e a percepção (CD), o que significa que a lembrança, através de um progresso positivo, se *materializa* na própria percepção. Mas o espírito, ao considerar que a lembrança pura jamais é experimentada de fato, não é hierárquico em relação aos outros segmentos (BC e CD); o bergsonismo defende que essa lembrança deve ser examinada sendo de direito, que coordena a relação entre a sua respectiva pureza e a percepção. A atualização da lembrança pura ocorre por meio de uma lembrança-imagem e, a partir disso, ela se instaura pela passagem da pureza da lembrança ao ponto consecutivo, integrando o ponto atual, a percepção (CD). Noutras palavras, o livro de Bergson restitui uma interpretação filosófica que consiste numa definição de percepção que não é a de conhecimento puro mas, por outro lado, também



não é contemplação; quer dizer, ela é um fundamento que se regula por meio da ação, sendo orientada por aquilo que habita a duração: a memória.

Antes disso, a teoria da memória de Bergson, que demonstra a percepção como voltada para a utilidade – isto é, não para a contemplação – é articulada através das teses que envolvem a real função do corpo. Bergson se dedica a colocar em exame as noções gerais do corpo sensório-motor, defendendo que o corpo sintetiza as imagens das quais "as modificações causadas por meu corpo às imagens que o cercam" (BERGSON, 2010, p. 14). As imagens exteriores ao corpo influenciam diretamente nessa imagem "privilegiada" designada corpo; elas transmitem ao corpo um movimento que retrai os estímulos recebidos do mundo externo: "meu corpo é portanto, no conjunto do mundo material, uma imagem que atua como as outras imagens, recebendo e devolvendo movimento" (BERGSON, 2010, p. 14). No entanto, na perspectiva bergsoniana, o que distingue essa imagem privilegiada das outras é que o "meu corpo parece escolher [...] a maneira de devolver o que recebe" (BERGSON, 2010, p. 14). Se nessa relação de cunho utilitário, as imagens externas atuam em direção ao corpo e ele, em conformidade com esses estímulos, às corresponde, é devido sua capacidade de receber tais estímulos. Trata-se, nesse sentido, de um corpo que se dispõe, por livre e espontânea vontade, a mover os objetos, sendo, portanto, um centro receptivo de ações, o que indica, claramente, "que ele não poderia fazer nascer uma representação" (BERGSON, 2010, p. 14).

O corpo, portanto, é uma imagem que prevalece no mundo material, cujas imagens desse mundo agem e reagem entre si, e recebe afecções, respondendo-as. Os estímulos que o afetam trata-se de uma afecção – isto é, conectada por uma mudança da sensibilidade momentânea causada por um objeto exterior. Por exemplo, a dor e o prazer indicam a maneira pela qual a afecção é encaminhada até uma percepção, tal como a luminosidade que se choca com a visão e, em resposta a isso, o indivíduo age fechando os olhos. De certo modo, a tese bergsoniana é desenvolvida a partir do mundo no qual as lembranças são registradas e, em seguida, a sua respectiva totalidade torna-se organizada. Reforçando o que foi apresentado momentos antes, o conhecimento básico do mundo não é a contemplação teórica, como se percebia na filosofia moderna, mas ele é a própria ação. Numa relação independente entre homem e mundo, Bergson reformula o papel do corpo: trata-se de um receptor de estímulos externos que resulta em seu movimento, seja uma mobilidade particular (por exemplo, levantar um dos braços) ou geral (locomover todo o corpo). De um lado, ao criticar a Psicologia, nosso autor entende que o cérebro está contido no mundo matéria, o que significa que ele é uma imagem – tal como os




nervos e os estímulos. Noutros termos, não é o mundo em questão que se concentra nessa massa designada cérebro.

## **2. As duas memórias: Uma que imagina e outra que repete**

De um lado, a Teoria da memória de Bergson pode ser compreendida através de uma análise ontológica, que problematiza a real função da memória ser um sobrevivente diante das lesões cerebrais. Ainda que, em nenhum momento de *Matéria e Memória*, Bergson faça referência a uma perspectiva ontológica, segundo Deleuze, " só o presente é 'psicológico'; mas o passado é a ontologia pura, a lembrança pura, que tem significação tão-somente ontológica" (DELEUZE, 1999, p. 43). Se o passado é, de algum modo, a ontologia pura, logo o que existe é uma passagem criadora entre a lembrança pura e a percepção, pois aquele se transforma neste. Mas o processo de constituição da percepção não é tão simples, por justa causa é preciso uma investigação mais ampla.

Iniciando essa investigação pela possibilidade das lembranças serem armazenadas, não sendo destruídas pelos movimentos físico-cerebrais, Bergson se coloca diante da função do corpo vivo - enquanto imagem. Se as lembranças são armazenadas apesar das lesões cerebrais, é devido haver alguma independência delas em relação ao corpo, pois, caso contrário, elas não resistiriam às lesões que acometem um órgão constitutivo do próprio corpo (isto é, o cérebro); por hipótese, tal como nota-se na psicologia da associação, caso as lembranças particulares fossem armazenadas numa zona cerebral específica, é porque elas habitavam aquele exato local.

Pela memória, o passado é conservado na mesma medida em que a sobrevivência das lembranças depende do modo de ser e atuar da memória, o que demonstra duas realidades fortuitas de uma tal unidade. De um lado, existe uma unidade funcional da memória com a percepção, isto é, uma funcionalidade que atribui condições de possibilidade para si própria; um estado dessa espécie significa que as condições de possibilidade são psicológicas. Bergson distingue, no segundo capítulo de *Matéria e Memória*, "Do reconhecimento das imagens: A memória e o cérebro", dois possíveis modos de como o passado se conserva em conformidade com as lembranças. Em primeiro lugar, o passado sobrevive por meio dos mecanismos sensório-motores, que se identificam com a *memória-hábito*; como o hábito – diz Bergson (2010, p. 86) – a lembrança que imagina é adquirida pela repetição de um mesmo esforço, exigindo, portanto, a decomposição e a recomposição da ação total. Quer dizer, o exercício habitual do corpo e esse primeiro modo do passado ser conservado armazena-se "num




mecanismo que estimula por inteiro um impulso inicial, num sistema fechado de movimentos automáticos que se sucedem na mesma ordem e ocupam o mesmo tempo" (BERGSON, 2010, p. 86). Essa memória é responsável pela determinação do registro dos mecanismos motores.

Em nossa vida cotidiana, marcada pelo registro constante de lembranças, percepção e memória formam um misto que gera uma confusão ao tentar diferenciá-las; ao fazê-la, a noção de memória passa a ser nua e crua, sendo livremente desvinculada de noções subjacentes. Primeiramente, a escolha – enquanto ação – carrega em si uma conservação de todas as imagens percebidas, exigindo que, uma vez ela vindo à tona, tornam-se lembranças. As lembranças do passado, registradas, são introduzidas num vazio que as armazenam, que no futuro passa a ser uma perspectiva reguladora sobre o passado: a percepção, nesse sentido, se relaciona com a ocasião de lembrar, o que significa que um tal exercício ilumina uma lembrança anterior. Sobre as duas memórias, Bergson, para distingui-las, apresenta ao leitor um exemplo comum: o estudo de uma lição qualquer com o objetivo daquele que a estuda aprender de cor tudo aquilo que é lido. A lição é explorada pela primeira, passando automaticamente por um registro motor a memória do que acaba de ser lido. Em seguida, cada linha, cada parágrafo, é lido novamente e, portanto, essa memória as registra. Por fim, após a realização de várias leituras do mesmo texto, nota-se que as palavras se conectam, causando um atrito entre si, tornando mais claro e evidente o que é lido, no entanto:

Cada uma das leituras sucessivas volta-me então ao espírito com sua individualidade própria; revejo-a com as circunstâncias que a acompanhavam e que a enquadram ainda; ela se distingue das precedentes e das subsequentes pela própria posição que ocupou no tempo; em suma, cada uma dessas leituras torna a passar diante de mim como um acontecimento determinado de minha história. (BERGSON, 2010, p. 86).

Cada nova leitura realizada se volta em direção ao espírito em seu estado particular, o que significa que ela constitui singularmente novos aprendizados – provenientes das leituras consecutivas da mesma lição. Entre duas leituras, uma anterior e outra ulterior a um tempo específico, existe uma diferenciação rica de consequências. Por exemplo, de um lado, a segunda leitura preenche determinado tempo ( $t_2$ ) no mundo objetivo; por outro, a terceira leitura não equivale, quer dizer, não ocupa o mesmo tempo da anterior, sendo abrangida por outro tempo ( $t_3$ ). Através da exata posição que cada uma dessas leituras ocupa no tempo que sua respectiva localização sintetiza um hábito. Segundo Bergson, a lembrança da lição que foi aprendida de cor “tem todas as características de um *hábito*” (BERGSON, 2010, p. 86, grifo nosso). Pelo hábito, adquirido pela variedade repetitiva de um mesmo esforço, tal como o exemplo acima,




realiza-se de maneira similar a tentativa que a resume, isto é, aprender de cor a lição estudada. A exploração repetitiva de um único objeto, inicialmente, existe a decomposição em si da ação total que, ao fim, se recompõe nessa mesma atividade. O corpo vivo, portanto, se habitua conforme o exercício exercido pela repetitividade da ação singular, se armazenando por completo num mecanismo peculiar de seu entorno: trata-se da maneira pela qual o corpo, enquanto centro vivo de afecções, estimula um impulso inicial que é sucedido "na mesma ordem e ocupa o mesmo tempo" (BERGSON, 2010, p. 86).

Ainda sobre o hábito, o constante esforço de uma ação repetitiva é caracterizado pela sua capacidade de armazenar o que é realizado em prol de um mecanismo (por exemplo, certo movimento dos braços ou das pernas, um pedalar de bicicleta, os giros sincronizados de uma bailarina, etc). Essa primeira noção de memória de Bergson, que repete de acordo com as ações exercidas num determinado tempo, "parece, portanto, ser efetivamente a memória por excelência" (BERGSON, 2010, p. 91), enquanto que a segunda, "aquela que os psicólogos estudam em geral, é antes *o hábito esclarecido pela memória* do que a memória propriamente" (BERGSON, 2010, p. 91, grifos do autor). Esclareçamos.

As lembranças das leituras particulares, de acordo com o exemplo de Bergson, são registradas de maneira imediata na memória, o que as distinguem entre si; quer dizer, cada registro constitui uma lembrança diferente, o que demonstra que essa segunda memória "não tem *nenhuma* das características do hábito" (BERGSON, 2010, p. 86, grifo do autor). A imagem da leitura singular é registrada de acordo com o olhar atento que o espectador coloca sobre a lição, diferenciando a primeira leitura da segunda, e assim por diante. De fato, ela "é como um acontecimento de minha vida; contém, por essência, uma data e não pode conseqüentemente repetir-se" (BERGSON, 2010, p. 86). De outro modo, caso as lembranças particulares se misturassem entre si, formando uma confusão entre uma e outra, haveria então uma alteração da natureza própria à originalidade da lembrança em questão. Se toda e qualquer lembrança é uma imagem – isto é, uma presença aos sentidos que permitirá a descrição ingênua e direta da experiência (ou da percepção) da matéria (ver PINTO, 2004, p. 88) – ao fazer-se o esforço repetitivo para que ela seja desvelada, cada vez isso será exercido com maior facilidade e clareza. Na medida em que ela aparece a consciência conforme a atividade da repetição, a imagem se *projeta* imediatamente na percepção.

O que caracteriza as duas memórias é a possibilidade do passado ser uma unidade que sobrevive em meio aos movimentos intracerebrais, muitas vezes lesionados, afirmando suas



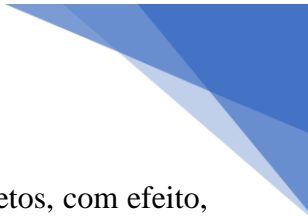
independências daquela primeira em relação à segunda, e vice-versa. A primeira memória – diz Bergson (2010, p. 88) – registra os acontecimentos decorrentes e, portanto, contínuos, sob formas de lembranças-imagens; o armazenamento do estado passado ocorre devido uma capacidade natural dela para consigo mesma. Natural, nesse contexto, significa que a existência de preservar as lembranças é possível através do reconhecimento de uma percepção anteriormente vivida. Uma imagem apreendida no passado pode ser revivida de acordo com a memória, cujas lembranças a habitam. Os movimentos involuntários do organismo de um corpo qualquer se relacionam com os dados alinhados à memória mencionada, gerando novas maneiras do corpo agir (ver BERGSON, 2010, p. 88).

Assim se forma uma experiência de uma ordem bem diferente e que se deposita no corpo, uma série de mecanismos inteiramente montados, com reações cada vez mais numerosas e variadas às excitações exteriores, com réplicas prontas a um número incessantemente maior de interpelações possíveis. (BERGSON, 2010, p. 88-89).

Nosso autor chama a atenção do leitor para o um aspecto da primeira memória, formada por uma linha tênue e contínua, que reúne consecutivas lembranças, ocorridas em tempos distintos, constituindo então uma experiência única. Nessa linha de raciocínio, a ação realizada pelo corpo em supõe uma conservação das imagens percebidas pela ação total as lembranças do passado, então, são constituídas e armazenadas apesar da fisiologia do cérebro; introduz-se num plano vazio e homogêneo tais lembranças e, portanto, o futuro se torna uma perspectiva semelhante e correspondente ao passado. Os movimentos externos que afetam o corpo e ele, por sua vez, corresponde a essas ações, são recebidos em conformidade com a atuação das lembranças.

Por outro lado, a segunda memória apresenta um esforço repetitivo que se assemelha ao hábito, quer dizer, que ordena o motor sistemático de todos os momentos presentes. Não há – tal como na primeira memória – uma retomada consciente das lembranças-imagens, isto é, uma representação do passado conservado; o que verifica-se é uma encenação do passado (ver BERGSON, 2010, p. 89), que prolonga o "efeito útil" dos movimentos efetuados até o momento presente. A possibilidade do presente ser estendido por intermédio do efeito causado pela encenação é proporcional à existência que determina-se pelo meio externo no qual o corpo é um centro receptivo de ações e reações. A reflexão, então, sugere que a passagem do passado a certa imagem isola a ação, tal como uma ação total restituída por ações individuais e separadas. A memória, contextualizando a percepção, direciona os movimentos a serem seguidos pelas lembranças; por elas, a repetição motora de um único esforço se identifica com o hábito. Isso






significa que quanto mais um indivíduo realiza uma persistência sobre os objetos, com efeito, mais a lembrança aprendida se desvincula do tempo no qual ela é constituinte. Dado que a repetição torna-se impessoal de acordo com a passagem temporal da vida, é possível notar também que "seu papel [o da repetição] é simplesmente utilizar cada vez mais os movimentos pelos quais a primeira [memória] se desenvolve organizar esses movimentos entre si e, montando um mecanismo, criar um hábito do corpo" (BERGSON, 2010, p. 91). Portanto, o hábito apenas o é devido às lembranças adquiridas no progresso da repetição. Pela *lembrança espontânea*, na qual o seu registro é imediato e particular, o tempo não acrescenta nenhum dado "à sua imagem sem desnaturá-la" (BERGSON, 2010, p. 91). Ao ser conservada pela memória e fixada num tempo específico, tal lembrança terá como aspecto elementar uma data e um lugar distintos das outras.

Pelo contrário, pela lembrança aprendida, o tempo sairá "à medida que a lição for melhor sabida; tornar-se-á cada vez mais impessoal, cada vez mais estranha à nossa vida passada" (BERGSON, 2010, p. 91). Desse modo, reforçando o que já havia sido apresentado, o exercício repetitivo não visa a conversão reflexiva da primeira memória na segunda, o que significa que "seu papel é simplesmente utilizar cada vez mais os movimentos pelos quais a primeira se desenvolve, organizar esses movimentos entre si e, montando um mecanismo, criar um hábito do corpo" (BERGSON, 2010, p. 91). Sobre a primeira memória, por efeito, a qualidade de cada lembrança é constituída por uma vivência autêntica, isto é, original. Sobre a segunda, existe um correlato entre o hábito – adquirido através da repetição – que emerge à medida que a memória é um meio que armazena as lembranças e o esclarecimento que ela faz sobre seus registros particulares. Segundo Worms, "Bergson não somente descreveu uma autoconservação do passado, numa memória pura, indistinta e integral, 'coextensiva à nossa consciência': ele opôs, a essa memória própria ao passado, uma memória 'do corpo', 'quase instantânea', constituída por repetição e hábito" (2010, p. 138).

### **3. Passado, presente e duração**

O que existe entre as duas unidades, o passado e o presente, é uma incógnita que visa praticamente toda a vida de um sujeito, em vista que a lembrança, isto é, o passado, carrega o fardo do presente. Nesse sentido, "mesmo se o presente contínuo da duração, tal como o apresentava o *Essai* de 1889, já abarcava, por princípio, a memória do passado e a criação do futuro, cada um desses aspectos fundamentais exigirá, para ser compreendido enquanto tal, uma

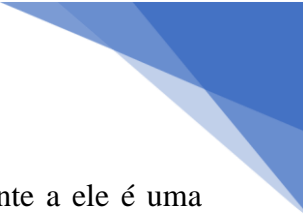


retomada específica, e um retorno (imane) à *passagem* do tempo em si" (WORMS, 2004, p. 132). Quer dizer, se o presente é o passado e futuro, num movimento duracional, é devido a existência de um presente concreto, "uma marca concreta" (BERGSON, 2010, p. 160) do presente. Noutros termos, o presente ocupa uma *duração* (*durée*). Seria preciso um único trabalho para descrever a maneira pela qual Bergson define a duração, o que demonstra a importância dessa palavra em sua teoria da memória. Que seja, portanto, apresentado seus aspectos elementares.

Nosso filósofo analisa, com grande entusiasmo, a questão do tempo e sua homogeneidade, se contrapondo ao tempo cronológico, isto é, reduzido a meras séries numéricas que ora crescem, outrora decrescem (tal como o tempo cíclico do relógio). O tempo na filosofia bergsoniana resiste, de certo modo, às matemáticas gerais: enquanto um é uma continuidade simultânea e vivido pela consciência humana, o outro sugere uma passagem quebrável e quantitativa, respectivamente. A própria mente se caracteriza por uma natureza contínua, quer dizer, que sua respectiva realidade visa uma sequência específica de vivências (e, tal como se pode imaginar, a memória entra em ação). Os seres vivos, racionais ou não, e os objetos estão ligados em detrimento de uma temporalidade, na qual o sistema é real. *Grosso modo*, eis a duração. Nesse sentido, tal como o processo evolutivo das espécies, a vida humana também é duracional, o que significa que Bergson não é um defensor da vida como sinônimo de eterna e absolutamente incorruptível. A vida em si, o ciclo vital, desde sua causa metafísica até seus desdobramentos temporais, jamais é encerrada. Se a *ουσια* vital é o próprio tempo:


A memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente, condensa também, numa intuição única, momentos múltiplos de duração, e assim, por sua dupla operação, faz com que de fato percebamos a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela [...]. Se a memória é o que comunica sobretudo à percepção seu caráter subjetivo, eliminar sua contribuição, dizíamos, deverá ser o primeiro passo da filosofia da matéria. Acrescentaremos agora: uma vez que a percepção pura nos dá o todo ou ao menos o essencial da matéria, uma vez que o restante vem da memória e se acrescenta à matéria, é preciso que a memória seja, em princípio, um poder absoluto independentemente da matéria. Se, portanto, o espírito é uma realidade, é aqui, no fenômeno da memória, que devemos abordá-lo experimentalmente. E a partir de então toda tentativa de derivar a lembrança pura de uma operação do cérebro deverá revelar-se à análise uma ilusão fundamental" (BERGSON, 2010, p. 77-78).

O movimento que intermedia o passado e o presente retrai a memória que, em hipótese alguma, é separada da percepção; a ideia da multiplicidade da duração, isto é, dos múltiplos recortes que ela apreende, advém das partes simultâneas de todo universo, a todo momento (por exemplo, as luzes, as cores, os sons). Logo, as vibrações do universo são reunidas, quer dizer,



armazenadas na duração, o que indica que cada unidade elementar pertencente a ele é uma forma temporal. Bergson privilegia "um modo de conservação do tempo que não seja contraditório com a sua própria sucessão ininterrupta" (WORMS, 2004, p. 132) e, por efeito, "dessa simples observação Bergson tira a noção de duração como forma, desta vez da consciência temporal, precisamente enquanto tal forma é inseparável de seu conteúdo, sendo de algum modo a sua auto-conservação e auto-estruturação" (WORMS, 2004, p. 133). O passado do corpo é os mecanismos sensório-motores que estão em atividade a partir do instante que o cérebro distribui os movimentos que lhe atingem. A sucessão contínua e ininterrupta das lembranças armazenadas, portanto, constitui uma integralidade indivisível, impenetrável e qualitativo: o tempo vivido é subjetivo, no entanto, o tempo quantitativo é objetivo. Por esta razão justamente que a duração reflete o misto ontológico da experiência humana, nos quais espaço e tempo restituem a própria experiência metafísica do ser. O presente, nesse sentido, situa-se numa direção, e tal estado psicológico é "uma percepção do passado imediato e uma determinação do futuro imediato" (BERGSON, 2010, p. 161). Do ponto de vista bergsoniano, ao expor essa questão, duas noções fundamentais sobre o tempo da memória são apresentadas: o passado e o futuro imediatos. Em relação aquele, uma vez percebido, trata-se de uma sensação, , "já que toda sensação traduz uma sucessão muito longa de estímulos elementares" (BERGSON, 2010, p. 161). Portanto, é uma sensação que se manifesta devido a uma sucessão contínua e longa de estímulos recebidos. Sobre o outro, trata-se de uma "ação ou movimento" (BERGSON, 2010, p. 161) instantâneo. O presente, tal ou qual, é um corte no devir, o que significa que ele é construído incansavelmente; o passado, como lembrança, o presente no qual as ações são realizadas conforme as lembranças se retraem ou contraem. Mas isso não basta para nossa investigação, é preciso trazer um segundo ponto de vista bergsoniano sobre o tempo

Volta-se ao problema inicial. O corpo é um centro receptivo de ações e, após suas lembranças serem atualizadas, ele passa a ser também uma imagem em movimento, capaz de preservar as sensações vividas. A materialização de uma lembrança pura para a percepção se dá pela passagem da pureza da lembrança a uma coisa vivida. A concepção de sensação em Bergson se faz forte aqui, devido ser uma unidade extensiva e, portanto, localizada (ver BERGSON, 2010, p. 164); noutras palavras, "é uma fonte de movimento" (BERGSON, 2010, p. 164). A lembrança pura, nesse sentido, não participa da sensação, pois esta desemboca num movimento objetivamente extrínseco; o presente, no entanto, pode ser entendido como a unidade que age em prol de uma percepção, por isso ela ser sensório-motor. Mas, numa



reflexão lógica, se o presente é atuante, logo o passado não o é, o que indica sua impotência frente à realidade. Entretanto, embora o passado seja impotente, o que está em análise é a sua sobrevivência ao ser projetado a uma imagem presente, isto é, "não somente o tempo é ação, mas ele é *criação*, não somente ele introduz num futuro indeterminado, mas é o sentido de suas três dimensões que se transforma profundamente: a *indeterminação* do futuro faz do presente uma *novidade*, tal como faz aliás do passado, por um efeito *retrospectivo* fundamental, uma possibilidade" (WORMS, 2004, p. 141, grifos do autor).


Uma tese bergsoniana de grande consistência é aquela cujos sentidos podem ser educados e, mais que isso, eles necessitam dessa pedagogia – tal como uma criança que é instruída pelo professor. Desconsiderar as sensações inextensíveis (que era comum na psicologia vigente do século XIX), tomando nota que "perceber conscientemente significa escolher, e a consciência consiste antes de tudo nesse discernimento prático" (BERGSON, 2010, p. 49). De outro modo, as diversas percepções extraídas de um mesmo objeto não restituem, após suas junções, a imagem total do objeto em questão; nesse sentido, as percepções "permanecerão separadas uma das outras por intervalos que medem, de certo modo, muitos vazios em minhas necessidades: é para preencher tais intervalos que uma educação dos sentidos é necessária" (BERGSON, 2010, p. 49). Noutros termos, as percepções inextensíveis não desempenham grande contextualização na matéria, e por uma tal razão que Bergson distingue seu ensaio – *Matéria e Memória* – da psicologia de sua época. A sensação exige contato objetivo, o que significa que ela é extensiva; por outro lado, elas são geradas através da relação imediata entre sensação e objeto. Além disso, contra os psicofísicos, existe uma energia específica dos nervos corporais e cuja passagem do estado representativo para o estado afetivo é inextensiva.

Henri Bergson defende que o objeto percebido é visto nele mesmo, demonstrando a diferença entre percepção e afecção, sendo uma impessoal e outra pessoal, respectivamente. Se a afecção encontra-se voltada para um indivíduo particular, ela não é permitida sem a proximidade dos objetos que refletem em seu respectivo corpo, por exemplo, a agulha que fura seu braço. Para nosso autor, afecção e percepção, tal como a lembrança, são distintas em termos de grau e não de natureza, o que significa que quanto maior a distância entre a percepção e o virtual, mais indeterminada será a ação total. Desse modo, se um corpo é afetado por um objeto, sua reação imediata é o que Bergson entende sendo a afecção.

#### 4. O fenômeno da atenção e o reconhecimento atento

A real função das lembranças, em relação com o passado, é imprescindível para que a memória seja definida através de um ato consecutivo. Sob forma de mecanismos motores e, por efeito, em forma de lembranças independentes, o passado sobrevive em conformidade com a duração. A utilização das lembranças pode ser automática, quer dizer, atenta, mas não necessariamente. A percepção de um objeto *x* solicita atenção para que, em resposta a isso, a ação seja possível; a cada instante ocorre o registro do passado sob formas de hábitos motores, isto é, pela adaptação a memória que o passado é conservado. O reconhecimento de um objeto, por meio da atenção, necessita de um voltar-se às lembranças armazenadas, para que a sua apreensão seja profunda. Em termos bergsonianos, "ele [o objeto percebido] é continuado pelas lembranças" (BERGSON, 2010, p. 114), logo o trabalho positivo da atenção se inicia a partir do momento que percepção do objeto é estendida pelas lembranças. O reconhecimento atento, então, trata-se da junção entre as lembranças-imagens e a percepção, supondo uma *reflexão* sobre a percepção atenta. Isto é, "a projeção exterior de uma imagem ativamente criada, idêntica ou semelhante ao objeto, que vem moldar-se em seus contornos" (BERGSON, 2010, p. 116). A projeção da imagem num objeto externo é remodelada pelos entornos de um tal objeto, noutras palavras, a lembrança, ao projetar uma imagem específica, reflete uma ação possível. Adotando o ponto de vista de Débora Cristina Morato Pinto (2004, p. 90), o percurso de *Matéria e Memória* é combater qualquer redução do mental ao cerebral, o que parece que Bergson instituiu um novo dualismo ao diferenciar em natureza percepção e lembrança, que dão acesso à matéria e espírito. Ao combater, então, a tese do epifenomenalismo e do materialismo, nosso autor insiste na potência independente do espírito que se atesta pela independência da memória em relação ao cérebro (ver PINTO, 2004, p. 90).

Um ponto *p*, perdido no universo, possui forte relação com seu entorno, muito mais do que com o próprio universo, quer dizer, os seres humanos *duram* e a memória se conserva na própria duração. Sobre o fenômeno da atenção, Bergson diz que trata-se de uma maneira pela qual a percepção recebe forte intensidade, na mesma medida em que sua interioridade parece estar ativa (ver BERGSON, 2010, p. 113). A atenção, conceitualmente, está relacionada mais com o corpo do que com o espírito, pois a ação torna-se concreta através daquele primeiro; contudo, "nessa atitude geral virão em seguida introduzir-se movimentos mais sutis, alguns dos quais foram observados e descritos, e que têm por função tornar a passar sobre os contornos do objeto percebido" (BERGSON, 2010, p. 114). Isso, certamente, reforça o que fora explicado

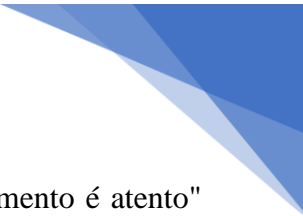


momentos antes, isto é, a continuação do objeto é permitida pelas lembranças. Esse movimento ou, se preferir, essa *continuidade reflexiva* necessita de certa direção da memória voltada para a percepção, o que demonstra que o esboço dos objetos externos, de algum modo, é recebido e se assemelha à própria memória. Logo, ela segue "fortalecendo e enriquecendo a percepção a qual, por sua vez, atrai para si um número crescente de lembranças complementares" (BERGSON, 2010, p. 115).

Nessas condições, o trabalho positivo da atenção se inicia de acordo com a percepção do objeto que, por outro lado, é dilatado pelas lembranças. Embora esse trabalho exige uma consciência, na qual a memória é ativa, todo o progresso da ação é passível de ser prolongado ou não, variando conforme a intensidade de nossa respectiva atenção à vida. Conforme um indivíduo contrai os horizontes do mundo, as imagens são percebidas com maior notoriedade, o que indica que os objetos refletem a ação possível do corpo. Em certa lesão aos movimentos produzidos pelo cérebro, a memória ainda permanece intacta. Por hipótese, se as transmissões emitidas na periferia do cérebro pelo objeto fossem interrompidas, o processo de troca dos movimentos seria quebrado, quer dizer, *toda a percepção do ser humano desapareceria*. Sobre a função do corpo nesse contexto, ele proporciona qualidade ao movimento; portanto, o corpo é um meio central de ação, enquanto que a percepção esboça as ações possíveis. Noutros termos, tal como colocado, existe uma diferença de natureza entre memória e percepção. O autor de *Matéria e Memória* propõe, então, uma objetividade ao trazer a percepção, sem a presença da memória, para a explicitação do caráter criador de tal unidade:

Ela [a memória] *cria* assim pela segunda vez a percepção presente, ou melhor, duplica essa percepção ao lhe devolver, seja sua própria imagem, seja uma imagem-lembrança do mesmo tipo. Se a imagem retida ou rememorada não chega a cobrir todos os detalhes da imagem percebida, um apelo é lançado às regiões mais profundas e afastadas da memória, até que outros detalhes conhecidos venham a se projetar sobre aqueles que se ignoram. E a operação pode prosseguir indefinidamente, a memória fortalecendo e enriquecendo a percepção, a qual, por sua vez, atrai para si um número crescente de lembranças complementares (BERGSON, 2010, p. 115, grifo meu).

O exercício da criação corresponde ao espírito, tendo em vista que a memória é criadora e capaz de duplicar a percepção. Isto é, a lembrança é moldada em relação a atenção despojada sobre o objeto percebido. Entre inúmeras razões, a tese bergsoniana consiste na ideia de que a memória viria a todo instante para englobar uma imagem por intermédio da própria percepção: *a memória cria e recria a cada instante a percepção*. Focando-nos naquilo que Bergson compreende sendo o *reconhecimento* e a *atenção*, quando as lembranças-imagens formam uma




espécie de misto com a percepção presente, significa dizer que "o reconhecimento é atento" (BERGSON, 2010, p. 111). Derivada do juízo de que a ação nascente sofre uma alteração considerável após o cérebro sofrer uma lesão, supõe-se que as lembranças, uma vez armazenadas, são destruídas. Contrário à tese de que as lembranças são amontoadas linearmente numa determinada zona cerebral, Bergson questiona sobre o fundamento da atenção, tendo em vista que atenção, percepção e memória estão interligadas entre si. Assim, por um lado, "a atenção tem por efeito essencial tornar a percepção mais intensa e destacar seus detalhes: considerada em sua causa, ela se reduziria, portanto, a uma certa insignificação do estado intelectual" (BERGSON, 2010, p. 112-113).

Que se retorne, então, a ideia de que a percepção atenta exige uma projeção exterior de uma imagem totalmente criada. Para ilustrar essa tese, tornando-se claro ao que equivale a percepção atenta, Bergson faz um esboço de um *circuito* (ver BERGSON, 2010, p. 118):

[...] onde todos os elementos, inclusive o próprio objeto percebido, mantêm-se em estado de tensão mútua como um circuito elétrico, de sorte que nenhum estímulo partido do objeto é capaz de deter sua marcha nas profundezas do espírito: deve sempre retornar ao próprio objeto" (BERGSON, 2010, p. 119).

Como os fios condutores de um circuito elétrico, cujos elétrons encontram-se em constante estado de tensão, a percepção atenta é realizada por meio da inquietação entre seus estímulos externos. O retorno ao objeto percebido é, ao mesmo tempo, colocar o olhar investigativo, em grande intensidade, sobre a vida: o universo material age em relação ao corpo que corresponde a tais estímulos. A própria intensidade da atenção, portanto, depende do contato imediato entre o corpo, centro de ações e estímulos, e o mundo objeto, externo ao corpo. Segundo Bergson (2010, p. 121), o esquema do circuito resulta em duas questões importantes nesse contexto: a passagem mecânica dos objetos através de uma série inteira de adições sucessivas, e o ato da atenção por intermédio da solidariedade entre o espírito e o objeto. A percepção do objeto externo sofre alterações que dependem da proximidade entre o espírito e o objeto, o que significa que existe uma variação determinada pela afinidade entre eles. O cérebro recebe estímulos do universo exterior e a tensão que circunscreve as profundezas eleva o espírito a um grau maior ou menor de intensidade, e a atenção à percepção vem à tona. No entanto, o processo repetitivo de determinado movimento executado pelo corpo vivo ocorre pela relação solidária entre os esforços habituais.




De certa maneira, a perspectiva do corpo sobre a realidade externa necessita da retomada das duas memórias apresentadas anteriormente, sendo uma semelhante ao hábito, e a outra particular e preenchida de um tempo *t* único: os movimentos que são originados na exterioridade, em resposta às contrações internas do cérebro, destacam os *entornos* dos objetos, *criando*, então, a sua *forma*. Desse modo, o papel do reconhecimento atento tem como fonte geratriz a própria memória; existe, nesse sentido, uma relação fundamental entre as lembranças-imagens e a percepção, o que indica que a atenção é uma atividade integralmente espiritual. Assim, conforme Bergson destaca, o esboço dos movimentos corporais começa na memória, em vista que o aspecto criador de seu trabalho conduz também a reconstrução das lembranças armazenadas; portanto, a atenção equivale a percepção presente que, de algum modo, possui sua raiz criadora no passado: sua continuidade se deve a quantidade de lembranças-imagens criadas. Noutros termos, a memória exerce uma atividade, distinguindo-se de qualquer passividade abstrata, na medida em que ela fundamenta o presente; por conseguinte, ela é criadora, pois reflete instantaneamente na percepção conforme a atividade do espírito.

## 5. Considerações finais

"Há [...] tons diferentes de vida mental, e nossa vida psicológica pode se manifestar em alturas diferentes, ora mais perto, ora mais distante da ação, conforme o grau de nossa *atenção à vida*" (BERGSON, 2010, p. 07, grifos do autor). Dessa forma, Bergson apresenta uma das principais diretrizes de *Matéria e Memória*, que é a variação da intensidade da percepção de acordo com nossas lembranças, isto é, o nosso passado que é responsável por um tal movimento. Percebe-se, após esse exame, que a memória e os estados psicológicos sintetizam um correlato entre a atenção, que engloba a imagem percebida, e a experiência vivida, que se repete conforme cada imagem é armazenada na memória. Por meio da definição bergsoniana de passado, embora seja impotente, ela sobrevive ao ser projetada por uma resposta imediata a uma imagem presente. Isto é, os estágios da percepção relacionam-se por completo com a vida psicológica do corpo – enquanto centro receptivo de ações e estímulos – que experiencia certo objeto. A memória do corpo, então, é um ato, o que significa que o passado é um sobrevivente em meio aos mecanismos motores; por efeito, as lembranças, registradas na memória, são materializadas através da própria percepção presente. Para isso, é necessária uma unidade que exerça a função de armazenamento das lembranças: é a duração. Através da duração, Bergson justifica a tese psicológica da qual *Matéria e Memória* se distancia, aquela de que as lembranças encontram-





se numa zona cerebral específica e que, após essa zona sofrer uma lesão, elas são destruídas junto do nervo lesionado.

Pelo fenômeno do reconhecimento atento, a ação total se realiza de acordo com a percepção do objeto, contudo, com grande intensidade por parte da atenção. Conforme as lembranças são registradas sob formas de hábitos motores, elas se apresentam por uma adaptação constante delas mesmas. As duas espécies distintas de memória que Bergson apresenta, uma ligada ao esforço que remete a um hábito, e a outra ligada à atividade do espírito, conforme as lembranças passam da altura da memória pura para o ponto cuja realização da ação é necessária, é quando o passado se materializa. Cabe destacar que são vários os avanços de *Matéria e Memória*, e esse trabalho apresenta um deles: a capacidade do passado ser conservado, apesar das lesões que o sistema nervoso pode vir a sofrer.

## Referências

BERGSON, H. *Cartas, conferências e outros escritos*. Seleção de textos Franklin Leopoldo e Silva, trad. Franklin Leopoldo e Silva e Nathanael Caseiro, consultor da introdução José Américo Motta Pessanha. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores)

\_\_\_\_\_. *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. (Biblioteca do Pensamento Moderno)

BITTERBIER, S. A percepção consciente segundo Bergson. *Cadernos da Graduação*. Campinas. No. 08, 2010. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/cadernosgraduacao/article/view/551/435>. Acesso em: 18 de dezembro de 2019.

CAPELLO, M. A. C. *Crítica e ontologia na filosofia de Bergson*. 2005. (Dissertação de doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP (SP), 2005. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-11012008-111934/publico/TESE\\_MARIA\\_ADRIANA\\_CAMARGO\\_CAPPELLO.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-11012008-111934/publico/TESE_MARIA_ADRIANA_CAMARGO_CAPPELLO.pdf). Acesso em: 18 de dezembro de 2019.

DELEUZE, G. *Bergsonismo*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999.

PINTO, D. C. M. Bergson e os dualismos. *Transformação*. São Paulo. No. 01, v. 27, 2004, pp. 79-91.

WORMS, F. A concepção bergsoniana de tempo. *Dois Pontos: Revista dos Departamentos de Filosofia da Universidade Federal do Paraná e da Universidade Federal de São Carlos*, v. 1, n. 1, p.129 - 149, 2004.

**Recebido: 30-04-2020**

**Aceito: 12-04-2021**